

SÍRIOS EM SÃO PAULO: TRABALHO, ECONOMIA E IDENTIDADE ÉTNICA¹

SYRIANS IN SÃO PAULO: WORK, ECONOMY AND ETHNIC IDENTITY

Fabio Martinez Serrano Pucci ²

E-mail: fmspuccisp@gmail.com

Oswaldo Mário Serra Truzzi ³

Endereço profissional: Rodovia Washington Luís, 235 – Monjolinho. CEP: 13565-905 – São Carlos, SP – Brasil – Caixa-postal: 676.

E-mail: truzzi@ufscar

Resumo: Este artigo tem como objetivo estudar a centralidade do trabalho para os sírios em situação de refúgio em São Paulo. Utilizou-se o método qualitativo, sendo entrevistados tanto sírios quanto membros da comunidade sírio-libanesa e profissionais de organizações não-governamentais (ONGs). Os resultados indicam que há a reelaboração de uma identidade étnica, já presente na imigração histórica de sírios e libaneses para o Brasil, que enaltece a ascensão social pelo seu trabalho e talento para o comércio.

Palavras-chave: Sírios; Identidade Étnica; Inserção laboral.

Abstract: This article approaches the centrality of work for Syrians with refugee status in São Paulo. Qualitative methods are adopted, consisting of interviews with Syrian newcomers, resettlement professionals of non-governmental organizations (NGOs) and members of the Syrian-Lebanese community. The results show that Syrian newcomers re-elaborate an ethnic identity (created by the already established Syrian-Lebanese community in Brazil) – which praises the social mobility through their work and talent for commerce.

Key words: Syrians; Ethnic Identity; Job Market Access

¹ Este artigo é resultado de uma bolsa de doutorado no Brasil (processo nº 2016/19485-2) e de Bolsa de Estágio de Pesquisa no Exterior (processo nº 2018/20996-7), ambas da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

² Mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da UFSCar. Atua principalmente nos seguintes temas: alteridade, bolivianos, sírios, imigração, refúgio, racismo e segregação. Publicou, entre outros textos, os artigos “Cidadania enquanto ‘mercadoria política’: reflexões em torno do exemplo dos refugiados sírios na rota do Mediterrâneo”, na Contemporânea: Revista de Sociologia da UFSCar, v. 10, n. 2, p. 705-24, em coautoria com o Prof. Dr. Oswaldo Mario Serra Truzzi; e “Moradia Provisória entre Bolivianos em São Paulo: ambiguidade e contingência”, nos Cadernos CRH, v. 32, n. 87, p. 609-22, em coautoria com a Profa. Dra. Maura Pardini Bicudo Vêras.

³ Professor Titular da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), onde atua no Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS). Possui Doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (1993), Mestrado em Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas – SP (1985). Curso de especialização em Gestão Pública na HEC (École des Hautes Études Commerciales (1983) e Curso de Graduação em Engenharia de Produção pela Universidade de São Paulo (1979).

Introdução

Este artigo tem como objetivo estudar a centralidade do trabalho para os sírios em situação de refúgio em São Paulo. Problematisa-se até que ponto eles reelaboram uma “identidade étnica”⁴ já presente na imigração histórica de sírios e libaneses para o Brasil – identidade esta que enaltece a ascensão social pelo seu trabalho e o talento para o comércio. Para tanto, o artigo procura analisar os seguintes elementos estruturais que estes sírios evocam em suas narrativas: a) as formas de capital trazidas pelos imigrantes (social, econômico e educacional); b) os condicionantes na sociedade receptora (como o mercado de trabalho e as oportunidades de mobilidade)⁵. Nesse sentido, o presente artigo traz a seguinte contribuição original para a literatura científica: *examinar até que ponto a presença dos sírios em situação de refúgio na “economia étnica” se relaciona com a reelaboração de uma “identidade étnica” já presente na imigração histórica de sírios e libaneses para o Brasil.*

Segundo Truzzi⁶, a “identidade étnica”⁷ de um grupo de imigrantes e seus descendentes é configurada histórica e socialmente por meio da proposição de narrativas de sua experiência social. Essas narrativas implicam na seleção de conteúdos que constituirão um processo de construção de memórias⁸. Elas podem ser narrativas tanto individuais quanto coletivas. No entanto, “cristalizam-se em memória apenas os elementos que são reativados constantemente como portadores de significado e valorização coletivas.”⁹ Em termos teóricos, entende-se “identidade étnica” como uma categoria com a qual os membros de determinado “grupo étnico”¹⁰ se identificam, delineando fronteiras entre aqueles que pertencem ou não a ele. Dessa maneira, o pertencimento ao “grupo étnico” “depende da manutenção de uma fronteira. [...] da contínua dicotomização entre membros e não-

⁴ TRUZZI, Oswaldo (2016). *Italianidade no interior paulista: percursos e descaminhos de uma identidade étnica (1880-1950)*. 1ª ed. – São Paulo: Editora Unesp.

⁵ TRUZZI, Oswaldo (2016). *Italianidade no interior paulista, Op. cit.*

⁶ TRUZZI, Oswaldo (2016). *Italianidade no interior paulista, Op. cit.*, p. 18-19.

⁷ A “etnicidade” contém um paradoxo, pois é um conceito que designa algo que é ao mesmo tempo mutável e persistente, cujos “símbolos são construídos e reconstruídos no curso da história” (SEYFERTH, Giralda. A imigração no Brasil: Comentários sobre a contribuição das ciências sociais. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais - BIB*, São Paulo, n° 57, 1º sem. 2004, p. 30).

⁸ HALBWACHS, M. (2013). *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro.

⁹ TRUZZI, Oswaldo (2016). *Italianidade no interior paulista, Op. cit.*, p. 19.

¹⁰ BARTH, Fredrik (1998). “Grupos étnicos e suas fronteiras.” In: POUTIGNAT, Philippe, *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Editora Unesp.

membros”¹¹. O uso dessa categoria neste artigo se justifica pela tentativa de compreender em que medida os sírios em situação de refúgio se identificam com os descendentes de sírios e libaneses no Brasil – e em que medida criam fronteiras para se distinguir deles. Ou seja, esse conceito nos auxilia a compreender com quais elementos dessa “identidade étnica” eles se identificam – aproximando-os da comunidade histórica de sírios e libaneses – e com quais elementos eles procuram se dissociar.

No entanto, o conceito de “identidade” apresenta algumas limitações, pois objetifica aquilo que procura descrever, não correspondendo às nuances analíticas. Tendo isso em vista, adota-se de forma complementar o conceito de “identificação”¹². Para Brubaker e Cooper (2000)¹³, o uso de um verbo nos leva a focar a identificação como um processo e, assim, nos convida a especificar o sujeito envolvido nesse processo. Por fim, isso nos impede de pressupor que a “identidade” seja necessariamente o resultado deste processo. Em outras palavras, não há uma necessária causalidade entre a “identificação” com um grupo e a criação de uma “identidade étnica”. Esse pressuposto faz com que se percam as nuances analíticas que são fundamentais para se compreender esse processo. Tendo isso em vista, apresentam-se os aspectos metodológicos do presente artigo.

Este artigo resulta de pesquisa acadêmica de doutoramento realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (PPGS/UFSCar)¹⁴. A pesquisa empírica envolveu entrevistas com sírios em situação de refúgio (n=17), membros da comunidade sírio-libanesa¹⁵ (n=7) e profissionais de ONGs que os acolhe (n=8). Foi elaborado um roteiro de entrevista com questões semiabertas para cada grupo de entrevistados. As entrevistas foram realizadas no período de maio de 2017 a agosto de 2018, tendo sido todas elas gravadas em áudio e transcritas.

Buscou-se obter um universo heterogêneo de entrevistados, considerando-se as seguintes características: idade, religião, escolaridade, ocupação, estado civil, sexo, tempo de permanência no país e cidade de origem na Síria. A grande maioria dos entrevistados (15 deles) está morando no país de 2 a 5 anos. As entrevistas foram realizadas em português, em sua maioria. Algumas também foram feitas em inglês. A religião foi uma das variáveis na qual se obteve maior heterogeneidade de entrevistados. Entrevistaram-se 10 muçulmanos,

¹¹ BARTH, Fredrik (1998). “Grupos étnicos e suas fronteiras.”, *Op. cit.*, p. 195.

¹² BRUBAKER, Rogers; COOPER, Frederick (2018). Para além da “identidade”. Tradução de Alexandre de Oliveira Silva. *Revista Antropolítica*, n. 45, Niterói, pp. 266-324. 2. sem. 2018.

¹³ BRUBAKER, Rogers; COOPER, Frederick (2018). Para além da “identidade”, *Op. cit.*

¹⁴ Com início em 2017 e previsão de término em 2021, sob orientação do Prof. Dr. Oswaldo Mário Serra Truzzi.

¹⁵ Incluindo 4 líderes religiosos (dois *sheiks* e dois líderes religiosos de igrejas cristãs: um padre e um diácono)

6 cristãos, um druso, um ismaele e um que não segue nenhuma religião (e cujos pais são drusos). Essa diversidade na variável religião, bem como as organizações religiosas que contatamos (três mesquitas e três igrejas) nos possibilitaram estabelecer uma comparação entre o acolhimento dado a muçulmanos e cristãos. Em termos de estado civil, a amostra também é heterogênea (10 casados e 9 solteiros), possibilitando fazer uma comparação entre os dois grupos. Para idade temos seis entrevistados entre 18 e 29 anos, sete entre 30 e 39 anos, cinco entre 40 a 49 anos e um com 65 anos. Dessa forma, a maior parte dos entrevistados estão em idade economicamente ativa, o que revela a importância da inserção laboral para esse grupo. Em relação a escolaridade temos 2 com pós-graduação, 9 com superior completo, 4 com superior incompleto, 3 com ensino médio completo e 1 terminando o ensino médio. Logo, a maioria é escolarizada, pois 15 dos 19 entrevistados já frequentaram ensino superior. Dos 4 que fizeram ou estão fazendo ensino médio, 2 pensam em fazer faculdade no futuro. As ocupações são bastante variadas, destacando-se aqueles que trabalham como empreendedores no ramo da culinária árabe e encarregados de cozinha, professores de inglês, profissionais em lojas de roupas (encaixotadores, caixas, alfaiates etc.), eletrônicos (técnicos) e móveis. Também há um músico, um cantor e palestrante, um supervisor de obras, um jornalista, um assistente de marketing, um farmacêutico e uma desempregada. Destaca-se, ainda, que alguns já trabalharam ou pretendem trabalhar como motoristas de *Uber*. Em relação à cidade de origem na Síria, 7 são de Damasco, 3 de Aleppo, 2 de Homs, 2 de Hama e outros de cidades menores. Já em relação ao município de residência no Brasil, 16 deles vivem em São Paulo, um em São Bernardo, um em Santo André e um em Guarulhos.

A estratégia de inserção no campo consistiu, principalmente, no contato com organizações religiosas da comunidade sírio-libanesa que, de alguma forma, ajudaram a acolher refugiados sírios, como as mesquitas e as igrejas cristãs. Ao longo da pesquisa estabeleceu-se contato com o Centro de Divulgação do Islam para a América Latina (CDIAL), ligado à Mesquita de São Bernardo do Campo, a Mesquita de Santo Amaro, a Sociedade Beneficente Muçulmana (SBM), ligada à Mesquita Brasil, o Lar Sírio, ligado à Catedral Metropolitana Ortodoxa, a Igreja Nossa Senhora do Líbano e a Igreja *Syrian* Ortodoxa. Além disso, houve contato com profissionais de organizações não-governamentais (ONGs) que acolheram sírios, como a Missão Paz, a Cáritas Arquidiocesana de São Paulo, o Programa de Apoio para a Recolocação dos Refugiados (PARR), o Instituto de Reintegração do Refugiado (ADUS), o Estou Refugiado e a BibliASPA. Por fim, adotou-se também como estratégia a presença em seminários e congressos, em *food-trucks*, restaurantes e bares frequentados

pela comunidade sírio-libanesa, em festas, eventos culinários e em exposições relacionadas ao tema.

Para esta pesquisa combinaram-se métodos quantitativos com qualitativos. A estatística foi relevante no levantamento do perfil dos sírios em situação de refúgio em São Paulo. Esses são dados secundários em nossa pesquisa, já que o enfoque metodológico se concentrou no método qualitativo, o qual consiste na aplicação de entrevistas com os sírios, procurando abordar por esse meio diversos eixos que compõem a sua vida cotidiana, principalmente o trabalho, mas também a moradia, o lazer, o acesso às políticas públicas e serviços sociais, a sociabilidade e as relações de alteridade.

Solicitou-se a esses entrevistados que indicassem conhecidos seus que também pudessem participar da pesquisa. Manteve-se a privacidade das informações, bem como o sigilo dos entrevistados. Em todos os depoimentos apresentados utiliza-se um pseudônimo, tanto no caso dos sírios em situação de refúgio, como dos líderes religiosos e dos profissionais. Realizaram-se as entrevistas somente após esclarecer-se ao entrevistado sobre os objetivos da pesquisa e de se obter o seu consentimento livre. Adotou-se a técnica da “bola de neve”. Ou seja, interromperam-se as entrevistas assim que foi atingido um “ponto de saturação”, “quando as concepções, explicações e sentidos atribuídos pelos sujeitos começam a ter uma regularidade de apresentação.”¹⁶.

O presente artigo divide-se em três partes. Na primeira parte, procura-se apresentar brevemente a maneira pela qual o Estado brasileiro concedeu visto humanitário e refúgio aos sírios, bem como algumas características demográficas desse grupo. Na segunda parte, apresenta-se um breve quadro teórico que fundamenta a pesquisa, relacionando-o aos dados obtidos no trabalho de campo. Esses dados se referem à presença dos sírios no mercado de trabalho formal e informal, às incertezas causadas pelo desemprego, bem como à disposição de se tornarem empreendedores. Na terceira parte, apresenta-se um breve histórico da imigração de sírios e libaneses para o Brasil. Nesse tópico, examina-se até que ponto os sírios em situação de refúgio se identificam com as narrativas históricas dos imigrantes sírios e libaneses – narrativas essas que ressaltam o valor do trabalho e, mais especificamente, o talento dos sírios para o comércio. Por fim, na conclusão, analisam-se os principais resultados apresentados ao longo do artigo.

¹⁶ DESLANDES, Suely F. (2011). O projeto de pesquisa como exercício científico e artesanato intelectual. In: DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES; Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.), *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 48.

A chegada dos sírios em situação de refúgio no Brasil

De 2010 a 2014, o Brasil passou a receber um grande volume de solicitações de refúgio (considerando todas as nacionalidades, não apenas os sírios). Se em 2010 houve 520 solicitações, em 2014 esse número foi de 11.405¹⁷, número mais de 20 vezes maior¹⁸. Ainda segundo a Secretaria Nacional de Justiça¹⁹, entre 2011 e 2017 e considerando-se os pedidos de venezuelanos e haitianos, o país recebeu 126.102 solicitações. Entre as solicitações em trâmite, 7% são de sírios.

A partir de 2013, o Brasil facilitou a entrada de sírios no país por meio da Resolução Normativa nº 17, de 24 de setembro de 2013, do Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE). Esta resolução foi válida por dois anos, depois foi prorrogada por 2 anos²⁰ em 2015 e novamente prorrogada por mais 2 anos²¹ em 2017 (ela permaneceu válida até 20 setembro de 2019). Por conta disso, o número de solicitantes de refúgio da Síria aumentou 289 vezes no Brasil de 2010 a 2014, quando atingiu o número de 1.739 sírios reconhecidos com o *status* de refugiados²². Dados mais atualizados do CONARE²³, no entanto, apontam que já haviam 3.768 sírios com a condição de refúgio reconhecida entre 2011 e 2019²⁴. Segundo o IPEA²⁵, o Brasil foi o primeiro entre os países das Américas a oferecer visto humanitário para os sírios.

Esses vistos, com duração de três meses após a entrada no país, são emitidos nos países vizinhos à Síria: Líbano, Turquia, Jordânia e Iraque. Já o pedido de refúgio precisa ser feito no Brasil. Ao ser feito o pedido de refúgio, o solicitante recebe um protocolo que pode ser renovado até que ele receba uma resposta. A taxa de elegibilidade dos sírios foi

¹⁷ Esse número não inclui os pedidos de venezuelanos e haitianos.

¹⁸ SNJ - Secretaria Nacional de Justiça (2018). *Refúgio em números*, 3ª edição. Disponível em: <http://www.justica.gov.br/news/de-10-1-mil-refugiados-apos-5-1-mil-continuam-no-brasil/refugio-em-numeros_1104.pdf/@download/file> Acesso em 12 jul. 2018.

¹⁹ SNJ - Secretaria Nacional de Justiça (2018). *Refúgio em números*, 3ª edição, *Op. cit.*

²⁰ Por meio da Resolução Normativa nº 20, de 21 de setembro de 2015, do CONARE.

²¹ Por meio da Resolução Normativa nº 25, de 14 de setembro de 2017, do CONARE.

²² IPEA (2017). *Refúgio no Brasil: caracterização dos perfis sociodemográficos dos refugiados (1998-2014)*, João Brígido Bezerra Lima et al. (org.). – Brasília: Ipea, 2017. 234 p.

²³ CAVALCANTI, Leonardo; MACÊDO, Marília; OLIVEIRA, Tadeu; SILVA, Gustavo J. (2020). “Refúgio em Números”, 5ª Ed. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Comitê Nacional para os Refugiados. Brasília, DF: OBMigra, 2020. Disponível em: <<https://www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio/refugio-em-numeros>> Acesso em: 18 dez. 2020.

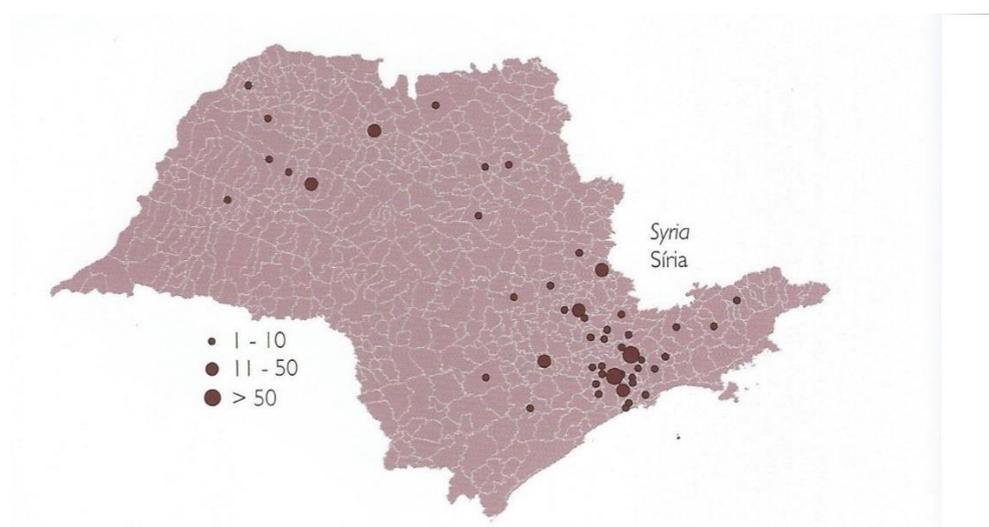
²⁴ De acordo com Cavalcanti et. al. (2020), “Refúgio em Números”, 5ª Ed, *Op. cit.*, a nacionalidade síria foi a segunda maior em número de casos de solicitantes de refúgio reconhecidos em 2019 (1,5% dos casos), atrás apenas dos venezuelanos (97,2% dos casos).

²⁵ IPEA (2017). *Refúgio no Brasil*, *Op. cit.*

mantida em 100% ao longo de 2014 e houve simplificação do procedimento de emissão de vistos para pessoas afetadas pelo conflito sírio²⁶. Segundo o SINCRE²⁷ da Polícia Federal e do Ministério da Justiça, havia 1030 sírios vivendo no Estado de São Paulo em 2016, dos quais 740 estão no Município de São Paulo.

Segundo Baeninger²⁸, a territorialização dos sírios no Brasil e no Estado de São Paulo demonstram que “esta imigração parece ter vínculos com processos históricos da imigração síria para o Brasil, com o espraiamento dessa imigração para outros estados e, inclusive, para áreas de fronteira.” Assim, as redes migratórias históricas influenciam em alguma escala na escolha do território.

Mapa 01: Imigrantes internacionais de nacionalidade síria com a condição de refúgio registrados no Estado de São Paulo



Fonte: Sistema Nacional de Cadastro e Registros (SINCRE)/Polícia Federal-Ministério da Justiça/Projeto MT Brasil/ICMPD/PUCMinas/OBMigra- Ministério do Trabalho. Observatório das Migrações em São Paulo – NEPO/UNICAMP-Fapesp/CNPq apud OBSERVATÓRIO das Migrações em São Paulo (2018). *Atlas Temático: Migração refugiada* / Rosana Baeninger; Duval Fernandes (coord.) Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp.

²⁶ IPEA (2017). *Refúgio no Brasil, Op. cit.*

²⁷ Sistema Nacional de Cadastro e Registros (SINCRE)/Polícia Federal-Ministério da Justiça/Projeto MT Brasil/ICMPD/PUCMinas/OBMigra- Ministério do Trabalho. Observatório das Migrações em São Paulo – NEPO/UNICAMP-Fapesp/CNPq OBSERVATÓRIO das Migrações em São Paulo (2018). *Atlas Temático: Migração refugiada* / Rosana Baeninger; Duval Fernandes (coord.) Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp.

²⁸ BAENINGER, Rosana (2017). “Migrações transnacionais de refúgio: a imigração síria no Brasil no século XXI”. In: CIERCO, Teresa et. al. (org.), *Fluxos migratórios e refugiados na atualidade*. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer Stiftung. Disponível em: <<http://www.kas.de/wf/doc/24731-1442-5-30.pdf>> Acesso em: 16 jul. 2018, p. 93.

Segundo o Banco Interativo Observatório das Migrações em São Paulo²⁹, há núcleos de concentração de sírios em situação de refúgio no noroeste do Estado de São Paulo, nos municípios de São José do Rio Preto (n=23) e Penápolis (n=14). Estes dois municípios eram também um dos principais núcleos de concentração de imigrantes sírio-libaneses na década de 1920³⁰, pois era servida pela Estrada de Ferro Araraquarense³¹. Essa estrada começava em Santos e passava, entre outros, pelos municípios de São Paulo, Jundiaí, Campinas, Limeira, Rio Claro, São Carlos, Taquaritinga e São José do Rio Preto, onde terminava³². Este município contava à época com 730 imigrantes e Penápolis com 156. Em uma das entrevistas realizadas durante a pesquisa de campo consta a informação de um casal jovem de sírios recém-chegados que foram “apadrinhados” por uma família de empresários de São José do Rio Preto:

Um casal de jovens, quando eles vieram. Nos contatos da nossa superintendente, ela conseguiu o contato de uma família empresária, que residem em São Paulo, mas que tem a empresa em São José do Rio Preto. E na ocasião, ela falou deste casal. Era um casal muito jovem, os dois. Ela estava grávida e ela solicitou ajuda de trabalho para esta família. E esta família conheceu o casal. E quando eles conheceram o casal, eles meio que se identificaram. E eles simplesmente apadrinharam este casal, literalmente, com tudo. Eles foram para São José do Rio Preto. Ao chegar lá eles tinham uma casa montada, o quarto da criança montado. Aí ele foi absorvido na empresa deles. Ele está trabalhando até hoje e foi a família brasileira que eles ganharam. Essa é uma das histórias bastante impressionantes das famílias que nós atendemos. (Irene, funcionária do Lar Sírio)

Ainda segundo o Banco Interativo Observatório das Migrações em São Paulo³³, há também outros núcleos de sírios em situação de refúgio nos municípios de Campinas (n=19),

²⁹Disponível em: <<https://unicamp-arcgis.maps.arcgis.com/apps/opsdashboard/index.html#/9d66a6e333be4f4aa09028daf619968e>> Acesso em 24 ago. 2020.

³⁰ TRUZZI, Oswaldo M. S. (2019). Sírios e libaneses no oeste paulista – décadas de 1880 a 1950. *Revista Brasileira de Estudos de População*, São Paulo, v. 36. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982019000100160&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 24 ago. 2020.

³¹ TRUZZI, Oswaldo Mário Serra (2009). *Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo: Editora UNESP.

³² BASSANEZI, Maria S. C. B. et. al. (2008). *Atlas da imigração internacional em São Paulo: 1850-1950*. São Paulo: Editora UNESP.

³³Disponível em: <<https://unicamp-arcgis.maps.arcgis.com/apps/opsdashboard/index.html#/9d66a6e333be4f4aa09028daf619968e>> Acesso em 24 ago. 2020.

Itapira (n=18) e Sorocaba (n=13). Para Truzzi³⁴, Campinas (n=327) e Sorocaba (n=182) também foram importantes núcleos de imigrantes sírio-libaneses na década de 1920.

Fundamentos conceituais e discussão dos resultados da pesquisa de campo

Existem definições muito precisas e formais quanto ao que significa ser um refugiado. Essas definições procuram dar conta de um contexto histórico determinado, onde ela busca responder uma determinada questão. A Convenção de 1951 relativa ao estatuto dos refugiados é o primeiro instrumento de proteção aos refugiados³⁵. Ela se refere a um indivíduo que resida fora do território de sua nacionalidade: “[...] devido a fundados temores de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, por pertencer a determinado grupo social e por suas opiniões políticas”³⁶.

De acordo com Liliana Jubilut (informação verbal)³⁷, a Declaração de Cartagena de 1984 inaugura uma visão regional em relação à lei do refúgio. O “espírito de Cartagena” dá origem a uma noção ampliada de refúgio, que inclui a grave e generalizada violação dos direitos humanos. Por fim, ela afirma que a definição de fundado temor de perseguição não é clara, e varia de acordo com cada Estado. Segundo Rosana Baeninger, a “migração refugiada” é uma modalidade das migrações transnacionais (informação verbal)³⁸. O “transnacionalismo” é “a emergência de um processo social no qual os migrantes estabelecem campos sociais que atravessam as fronteiras geográficas, culturais e políticas.”³⁹

Por outro lado, há teorias que destacam o papel do Estado na migração refugiada, como o conceito de “integração local”. Segundo Moreira⁴⁰, o termo “integração local” se

³⁴ TRUZZI, Oswaldo M. S. (2019). Sírios e libaneses no oeste paulista, *Op. cit.*

³⁵ ACNUR (2001). Convenção de 1951 relativa ao estatuto dos refugiados. In ARAUJO, N.; ALMEIDA, G. (Coords) *O direito internacional dos refugiados: uma perspectiva brasileira*. Rio de Janeiro: Renovar.

³⁶ MOULIN, Carolina (2011). Os direitos humanos dos humanos sem direitos: refugiados e a política do protesto. *Revista brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 26, n. 76, p. 148, Junho 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092011000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 Ago. 2017.

³⁷ Informação obtida na apresentação “The Cartagena Declaration at 35 and the protection of refugees in Latin America” no evento “Bridging the Gaps: Understanding Current Mobilities in the Caribbean and Latin America and their Policy Implications”, realizado na York University, em Toronto, Canadá, no dia 13 de maio de 2019.

³⁸ Informação obtida no evento “Refugiados e Migrantes: vidas em movimento”, que ocorreu no dia 18 de junho de 2018, na Assembleia Legislativa do Estado.

³⁹ GLICK SCHILLER, Nina; BASCH, Linda & BLANC-SZANTON, Cristina (1992). *Toward a Transnational Perspective on Migration: Race, Class, Ethnicity and Nationalism Reconsidered*. *Annals of The New York Academy of Sciences*, vol. 645: New York, p. ix, tradução nossa.

⁴⁰ MOREIRA, Júlia B. (2014). Refugiados no Brasil: reflexões acerca do processo de integração local. *Revista Interdisciplinar Mobilidade Humana (REMHU)*, Brasília, ano XXII, n. 43, pp. 85-98, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/remhu/v22n43/v22n43a06.pdf>> Acesso em 23 jul. 2016.

refere ao processo de imersão do refugiado em um novo contexto, na sociedade receptora. Para a autora, esse conceito se refere mais a elementos práticos, como a aprendizagem da língua local, acesso ao mercado de trabalho, moradia e serviços sociais (como saúde e educação). Segundo Ager & Strang⁴¹, o trabalho é o elemento mais importante da “integração local”, pois ajuda a conquistar autonomia financeira, planejar o futuro, conhecer membros da sociedade receptora, aprender a língua local e recuperar a autoestima.

Para Castles *et. al.*⁴², o conceito de “integração” adota um posicionamento funcionalista que vê a imigração como um “problema” para o qual o trabalho seria um “remédio”. Nesse sentido, é preciso estudar além do mero acesso ao emprego, procurando apreender também a qualidade das relações sociais envolvidas. Esta pesquisa procura ir além do estudo do emprego como critério de “integração” dos refugiados, analisando também os processos de “identificação”⁴³ envolvidos em sua atuação profissional. Além disso, busca-se ir além do critério de “integração” ao adotar o ponto de vista dos entrevistados. Segundo Ruseishvili (2016), as categorias analíticas podem simplificar a realidade observada pelo pesquisador:

O migrante e suas múltiplas faces – emigrante, *émigré*, imigrante, migrante econômico, exilado político, refugiado ecológico, deslocado, dentre outros, - são tentativas de “encapar” analiticamente a realidade empírica, muito mais rica e heterogênea, em conceitos e categorias que acabam por restringi-la e simplifica-la.⁴⁴

Nesse sentido, neste artigo refere-se aos “refugiados sírios” como “sírios em situação de refúgio”, de modo a adotar o ponto de vista dos entrevistados. Iasmin, uma síria em situação de refúgio, rejeitou o rótulo de refugiada – afirmando que ela apenas se deslocou para ter melhores condições de vida e realizar os seus sonhos. Jamal (sírio em situação de refúgio), por sua vez, ressaltou que ele *está* refugiado, mas não *é* um refugiado – enfatizando a sua condição temporária. Processo semelhante é descrito por Schiocchet (2019)⁴⁵, para

⁴¹ AGER, Alastair; STRANG, Alison (2008). Understanding integration: a conceptual framework. *Journal of Refugee Studies*, Oxford, v. 21, n. 2, 2008, p. 166-191.

⁴² CASTLES, Stephen *et alli* (2002). *Integration: mapping the field*. London: Home Office Immigration Research and Statistics Service, 2002.

⁴³ BRUBAKER, Rogers; COOPER, Frederick (2018). Para além da “identidade”, *Op. cit.*

⁴⁴ RUSEISHVILI, Svetlana (2016). *Ser russo em São Paulo: Os imigrantes russos e a (re)formulação de identidade após a Revolução Bolchevique de 1917*. Tese de Doutorado em Sociologia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, p. 34.

⁴⁵ SCHIOCCHET, Leonardo (2019). Outcasts among Undesirables: Palestinian Refugees in Brazil between Humanitarianism and Nationalism. *Latin American Perspectives*, Issue 226, vol. 46, no. 3, May 2019, p. 84-101.

quem os palestinos reassentados no Brasil também não se identificaram como “refugiados”, como uma forma de se contraporem ao modelo de “integração” colocado pelas organizações humanitárias responsáveis por seu reassentamento.

Para se compreender a adaptação dos sírios ao mercado de trabalho no Brasil, recorre-se ao conceito de “economia étnica”. A economia étnica se oferece como uma alternativa à inserção de imigrantes e refugiados no mercado de trabalho formal. “Economias étnicas permitem aos imigrantes e às minorias étnicas reduzir a sua desvantagem e exclusão, negociando os termos de sua participação no mercado de trabalho geral de uma posição de maior força.”⁴⁶ Isso é algo bastante presente entre os sírios em situação de refúgio, uma vez que enfrentam muitas barreiras para acessar o mercado de trabalho formal. Segundo o SINCRE⁴⁷, “42% dos imigrantes refugiados sírios nesse período [de 2000 a 2016] no Brasil (401 imigrantes) se encontravam em ocupações precárias (não classificadas ou sem ocupação).” Dada a qualificação dos sírios, é possível falar em um “desperdício de cérebros”⁴⁸, pois estão sendo absorvidos em ocupações que não exigem a qualificação de que dispõem. Iasmin (síria em situação de refúgio), por exemplo, era vice chefe de uma companhia multinacional. Quando chegou ao Brasil precisou trabalhar como operária em uma fábrica de sanduíches.

Segundo Pedro (profissional entrevistado), do Programa de Apoio para a Recolocação de Refugiados (PARR), a burocracia para a revalidação de diplomas está entre as principais causas disso. Recentemente, entretanto, aprovou-se na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo a lei nº 16.685 que isenta de taxas os refugiados que queiram revalidar seus diplomas de graduação, mestrado ou doutorado.

Com base no gráfico 01, é possível constar que a maior parte dos sírios que estão ocupados trabalham como “vendedores ou empregados no comércio”, “cozinheiro”, “professor”, “prezadas domésticas” e “diretor, gerente ou proprietário”, que é o caso dos donos de restaurantes sírios. Além disso, é possível observar um elevado número de pessoas sem ocupação. Já de acordo com Brasil⁴⁹:

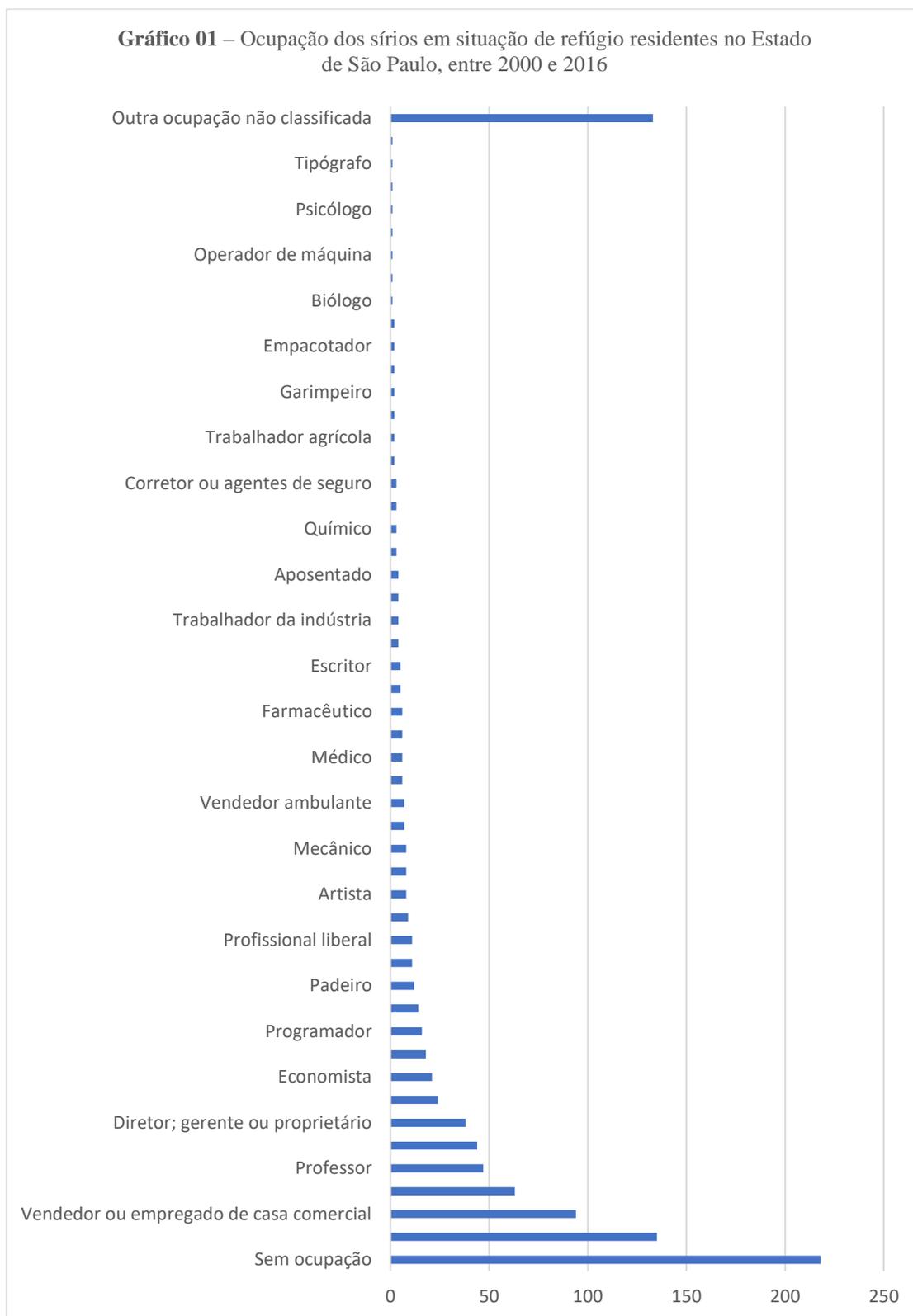
⁴⁶ LIGHT, Ivan (2005). “The Ethnic Economy”. In: SMELSER, Neil J. & SWEDBERG, Richard (orgs.), *The handbook of economic sociology*. Princeton University Press, New York, p. 650, tradução nossa.

⁴⁷ SINCRE, 2016 *apud* BAENINGER, Rosana (2017). “Migrações transnacionais de refúgio: a imigração síria no Brasil no século XXI”. In: CIERCO, Teresa *et. al.* (org.), *Fluxos migratórios e refugiados na atualidade*. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer Stiftung. Disponível em: <<http://www.kas.de/wf/doc/24731-1442-5-30.pdf>> Acesso em: 16 jul. 2018. p. 91.

⁴⁸ BAENINGER, Rosana (2017). “Migrações transnacionais de refúgio”, *Op. cit.*

⁴⁹ BRASIL, Emmanuel de Nazareth (2017). *Migração síria contemporânea: da partida a (re)inserção*. Monografia (Bacharelado em Sociologia). Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília, p. 57.

As principais ocupações desempenhadas por mulheres sírias no mercado de trabalho formal brasileiro são: Auxiliar de escritório, cozinheira geral, vendedora de comércio varejista, farmacêutica e auxiliar nos serviços de alimentação. Quanto aos homens: cozinheiro geral, abatedor, auxiliar de escritório, vendedor de comércio varejista e alimentador de linha de produção.



Fonte: Sistema Nacional de Cadastro e Registros (SINCRE)/Polícia Federal-Ministério da Justiça/Projeto MT Brasil/ICMPD/PUCMinas/OBMigra- Ministério do Trabalho. Observatório das Migrações em São Paulo – NEPO/UNICAMP-Fapesp/CNPq (apud Observatório, 2018: 220-1)⁵⁰.

⁵⁰ OBSERVATÓRIO das Migrações em São Paulo (2018). *Atlas Temático: Migração refugiada* / Rosana Baeninger; Duval Fernandes (coord.) Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp.

No entanto, são muitos os sírios que enfrentam dificuldades para arrumar um trabalho formal. Nesse meio tempo, eles precisam trabalhar no setor informal. Como afirma Jamal (sírio em situação de refúgio): "Até chegar nesse ponto, eu trabalhei de cantor, cozinheiro, palestrante, aluguei um carro e trabalhei [como] motorista de Uber." É muito comum encontrar sírios trabalhando com comércio de móveis, de roupas (na Feira da Madrugada), de eletrônicos (na Santa Ifigênia) e de perfumes, principalmente em lojas cujos donos pertencem à comunidade sírio-libanesa. Porém, a ocupação mais comum é a de cozinheiro. Tanto os dados estatísticos quanto as entrevistas qualitativas indicam a forte presença dos sírios na economia informal. "Este contexto de precarização do mundo do trabalho produz reações sociais mais individualistas, mais autocentradas e corrói as formas de inserção, mediação e identificação social que o trabalho permitiria."⁵¹

Para se inserirem no ramo alimentício, os sírios recorrem tanto a "recursos étnicos" como a "recursos de classe". Estes "dizem respeito a atributos materiais e culturais inerentes à burguesia de um grupo que a impulsionam para exercer atividades empresariais"⁵², enquanto os "recursos étnicos" dizem respeito a aspectos socioculturais e demográficos de todo o grupo, e não apenas de sua fração burguesa, que incentivam atividades culturais"⁵³. Quanto aos "recursos étnicos", há uma controvérsia em relação à cozinha árabe. Omar ressaltou a cozinha como um "recurso étnico", destacando que os sírios gostam de cozinhar e comer bem. Já Beremiz, entretanto, afirma que é a estrutura de oportunidades no Brasil – limitada ao montante de "capital social"⁵⁴ que possuem – que leva o sírio a cozinhar, e não os "recursos étnicos" que possuem: "*Ninguém trabalhava com culinária, todos começaram aqui a trabalhar aqui com culinária, porque aqui não pode trabalhar com outra coisa.*" (Beremiz, sírio em situação de refúgio, proprietário de um restaurante, engenheiro de formação, há 4 anos e meio no Brasil, 45 anos de idade, muçulmano). O mesmo se pode afirmar da presença dos sírios nas lojas de eletrônicos e celulares na Santa Ifigênia.

Assim, é possível afirmar que a estrutura de oportunidades – como o comércio de eletrônicos e a cozinha árabe são as áreas acessíveis aos sírios por meio do seu "capital social"⁵⁵. Há sírios como Yazid que já trabalhavam com eletrônicos na síria. Em seu caso,

⁵¹ PAMPLONA, João Batista (2001). *Erguendo-se pelos próprios cabelos: auto-emprego e reestruturação produtiva no Brasil*. São Paulo: Germinal, p. 272.

⁵² TRUZZI, Oswaldo M. S. & NETO, Mário S. (2014). Economia e empreendedorismo étnico: balanço histórico da experiência paulista. In: MARTES, Ana Cristina Braga. *Redes e sociologia econômica*. São Carlos: EdUFSCar. p. 252.

⁵³ *Ibid.*

⁵⁴ BOURDIEU, Pierre (1986). "The Forms of Capital", in RICHARDSON, John G. (ed.). *Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education*. New York: Greenwood Press, 1986, pp. 241-258.

⁵⁵ BOURDIEU, Pierre (1986). "The Forms of Capital", *Op. cit.*

pode-se dizer que os “recursos de classe” foram tão determinantes quanto a estrutura de oportunidades. Além de Yazid, apenas Kaled (músico) e Ammar (alfaiate) afirmaram trabalhar no Brasil na mesma área em que trabalhavam na Síria. Cada “grupo étnico”⁵⁶ tem uma estrutura de oportunidades disponível para si, a depender do montante de “capital social” que consegue mobilizar. O “capital social” pode ser entendido como “o atual ou potencial agregado de recursos que estão ligados à posse de uma rede durável mais ou menos institucionalizada de mútuo conhecimento ou reconhecimento”⁵⁷.

Granovetter⁵⁸ cunhou o termo *weak ties* para explicar o capital que se forma fora dos círculos familiares, mas que mesmo assim seria mais efetivo na aquisição de empregos, por exemplo. Na pesquisa de campo, notou-se que o trabalho formal proporciona maior contato com brasileiros e com pessoas de fora da comunidade árabe, aumentando as chances de conseguirem um trabalho melhor, como revela Ali:

“Eu, onde eu trabalhava, um dia o presidente deles passou lá e entrou na cozinha. Ele falou: “quem fez a massa?”. Eu disse, “é eu”. Ele disse “eu quero que você faça as esfirras lá.” Aí fui lá, vim aqui e fiz. Depois eu saí do emprego de lá, eu não quis mais ficar lá.” (Ali, sírio em situação de refúgio, encarregado de cozinha, há 3 anos e 4 meses no Brasil quando entrevistado, 18 anos de idade, muçulmano).

É muito frequente os sírios fazerem novos contatos quando empregados para brasileiros, pois têm maior acesso às *weak ties*⁵⁹. A principal causa do desemprego entre os sírios é a dificuldade em aprender português. Assim, aprender o português é tido por alguns dos entrevistados como o primeiro passo para conseguir um trabalho ou abrir o próprio negócio. No caso de Samir, foi a sua iniciativa de aprender português que o levou a se tornar professor de idiomas em uma escola particular e deixar de trabalhar na empresa do tio, para quem trabalhava desde que havia chegado ao Brasil. Nessa escola, fez novas amizades que foram úteis para encontrar moradia e um novo emprego, oportunamente. Não à toa, a primeira decisão tomada por Ali após trabalhar com descendentes de árabes foi aprender português, pois assim poderia ter acesso às *weak ties*⁶⁰:

O primeiro sofrimento foi na Síria, o segundo no Líbano e o terceiro no Brasil. Porque eu cheguei aqui e perdi 7 meses da minha vida

⁵⁶ BARTH, Fredrik (1998). “Grupos étnicos e suas fronteiras.”, *Op. cit.*, p. 190.

⁵⁷ BOURDIEU, Pierre (1986). “The Forms of Capital”, *Op. cit.*, pp. 248-9, tradução nossa.

⁵⁸ GRANOVETTER, Mark (1973). “The Strength of Weak Ties”, in *American Journal of Sociology*, Chicago, v. 78, 1973, p. 1360-1380.

⁵⁹ GRANOVETTER, Mark (1973). “The Strength of Weak Ties”, *Op. cit.*

⁶⁰ GRANOVETTER, Mark (1973). “The Strength of Weak Ties”, *Op. cit.*

trabalhando de graça porque o cara não me pagou porque ele disse “você não sabe falar português, você não me ajudou em nada”. [...] Ai naquela hora eu coloquei na minha cabeça de estudar. Eu falei “não, agora eu vou estudar, vou aprender português e eles vão ver.” Hoje em dia eu não trabalho mais [com estes netos de árabes]. Eu trabalho mais nessa empresa que eu trabalho [um clube], que é uma empresa, que é direitinho. (Ali, sírio em situação de refúgio, encarregado de cozinha, há 3 anos e 4 meses no Brasil quando entrevistado, 18 anos de idade, muçulmano).

Quando recém-chegados ao Brasil, a maior parte dos sírios em situação de refúgio recorrem a amigos, igrejas ou mesquitas para se empregarem, pois esses são os principais locais onde o “capital social”⁶¹ se mobiliza. Coleman⁶² sublinha a importância das redes formadas no interior do círculo familiar para a aquisição de empregos, as chamadas *dense ties* – ou seja, as redes sociais formadas dentro do círculo familiar ou da comunidade étnica. Já Zetter *et. al.*⁶³ destacam a importância das organizações religiosas na formação das *dense ties*. Esse foi o caso de Ali, cujo depoimento acima demonstra que sofreu exploração nesse primeiro trabalho que obteve por meio de uma mesquita. Nesses casos, é possível afirmar que a mesma comunidade étnica que acolhe é aquela que aprisiona. Essa relação de exploração dos sírios em situação de refúgio pela comunidade árabe foi corroborada por duas entrevistadas que trabalharam em ONGs que acolhem refugiados:

Tem muitos árabes das gerações antigas que acabam empregando também eles. (...) Mas nesses casos foram raros os casos em que eles deram o trabalho formal, sempre informal. Por isso que eu digo que eu não sei se eles ajudaram muito, entendeu? Essa geração antiga [não sei se ajudou tanto] a nova. Porque eu não vi trabalho digno, sabe? Com carteira assinada. Eles dão oportunidades, mas tudo informal. (Hebe, voluntária da BibliASPA)

E tem um monte de lojinha dos primos. E muitos, pelo menos em 2015, 2016, começaram a empregar, de uma maneira informal, mas sem registrar, sem dar férias, sem nenhum tipo de direito. Mas eles falaram: “ah, eu estou ajudando”. Eles colocavam no fundo da loja, que ninguém vê, ninguém questiona nada. Então, eles davam o salário e ajudavam dessa maneira. (...) Eles falam: “ah, eu estou ajudando, não estou registrado, mas eu estou ajudando”. Explora até não poder mais, não tem férias, você não tem direito a nada. E pagava salário mensal, não sei se era mínimo. (Mônica, ex-voluntária do ADUS)

⁶¹ BOURDIEU, Pierre (1986). “The Forms of Capital”, *Op. cit.*, pp. 241-258.

⁶² COLEMAN (1988a) *apud* PORTES, Alejandro (1998). Social capital: its Origins and Applications in Modern Sociology. *Annual Review of Sociology*, vol. 24: 1-24, Ago. 1998. [Versão Kindle, não paginada].

⁶³ ZETTER, Roger *et alli* (2006). *Immigration, Social Cohesion and Social Capital: What are the Links?* Report to the Joseph Rowntree Foundation.

Sobre o papel das organizações religiosas para os imigrantes, Freston⁶⁴ afirma que ela tem o papel de uma família substituta, cujo papel é acolher, trocar informações, oferecer apoio técnico/documentação, redes de contato que favoreçam o emprego, o contato com a comunidade étnica e a conservação da língua/cultura. Assim, a afiliação religiosa se traduz em uma vantagem competitiva no empreendedorismo étnico e no mercado de trabalho⁶⁵. Nesta pesquisa, há exemplos tanto de igrejas cristãs, quanto de mesquitas que os ajudaram a obter trabalho, como demonstram os seguintes depoimentos:

O bispo e os padres ajudaram minha filha pra alugar uma casa. Essa é a segunda casa. (...) O bispo pediu pra uma pessoa dar trabalho pra minha filha. Minha filha trabalhou lá um ano, (...) [como] vendedora de roupas. [Depois disso], o bispo, ele ajuda minha filha para trabalhar no Consulado. O bispo, a Igreja, ajudaram muito pra nós. (Almir, sírio em situação de refúgio, supervisor de obras, há 2 anos e 8 meses no Brasil, 65 anos de idade, cristão).

Pra mim sim [a igreja apoiou]. Tem casa e o meu marido trabalha aqui também [como assistente da igreja]. (Nádia, síria em situação de refúgio, dona de casa, há 4 anos no Brasil, 31 anos de idade, cristã).

Nós temos um da comunidade que tem uma rede de supermercados. Ele já acolheu mais de 50 refugiados. Que o supermercado [nome do supermercado], não sei se você conhece, chama [idem]. Então, essa rede de supermercados. (...)É [o dono é muçulmano], da comunidade. Então ele acabou dando assim, um espaço, umas vagas para essas pessoas. E já tem mais de 50 pessoas que foram contratadas. (Sheik Said, sírio, há 10 anos no Brasil).

[Respondendo a uma pergunta sobre como conseguiu o primeiro trabalho] Através da Mesquita. [...] Eram netos de árabes, sabe? [...] É, eles não são de religião (...). “Só que cara vai lá, que tem uma empresa, que o Sheik mandou você pra lá” Aí os caras mandam você pra lá. (Ali, sírio em situação de refúgio, encarregado de cozinha, há 3 anos e 4 meses no Brasil, 18 anos de idade, muçulmano).

Além disso, Tahir (funcionário da Sociedade Beneficente Muçulmana, SBM) relata que uma rede de lojas de móveis que pertence a uma pessoa da comunidade muçulmana e uma rede de *fast-food* contrataram muitos sírios por meio dos currículos cadastrados na

⁶⁴ FRESTON, Paul (2008). “The Religious Field among Brazilians in the United States”. In: BRAGA, L. J. & JOUËT-PASTRÉ, C. (eds.), *Becoming Brazuca: Brazilian Immigration to the United States*. Cambridge, Harvard University Press, 2008, pp. 255-268.

⁶⁵ MARTES, Ana Cristina Braga & RODRIGUEZ, Carlos L. (2004). Afiliação religiosa e empreendedorismo étnico: o caso dos brasileiros nos Estados Unidos. *Revista de Administração Contemporânea*, Curitiba, v. 8, n. 3, pp. 117-140, set. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-6552004000300007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 17 out. 2018.

SBM. Esses depoimentos revelam que as mesquitas mobilizam bastante “capital social”⁶⁶ por meio de uma rede formada por membros da comunidade árabe.

Apesar do apoio oferecido pelo círculo familiar, igrejas e mesquitas, os sírios enfrentam altas taxas de desemprego no Brasil. O seguinte caso ilustra como ser um sírio em situação de refúgio pode impedir um sonho, qual seja, conseguir um trabalho formal no Brasil:

Eu vou lhe contar uma coisa sobre a [nome de companhia multinacional de eletroeletrônicos]. Na realidade, essa é uma história engraçada e triste ao mesmo tempo. Eu encontrei um trabalho, um bom trabalho na [nome da companhia]. Essa é uma história muito longa, mas eu vou torná-la mais curta para você. Eu disse a eles, no começo, que eu sou um rapaz sírio, eu tenho nacionalidade síria e, se há algo relacionado a viajar, eu não vou nunca sair do Brasil, é muito difícil para mim. [...] eles começaram a me enviar com uma equipe internacional, pela primeira vez, à Arábia Saudita. Mas eles não puderam, porque a Arábia Saudita, eles recusaram o meu passaporte. Eu sou um sírio. Eles tentaram duas vezes com a Arábia Saudita, mas não conseguiram. E eles explicaram à embaixada da Arábia Saudita, enviaram um pedido oficial, eles disseram: “esse rapaz é um empregado da [nome da companhia] e nós vamos pagar toda a sua estada. Ele irá e retornará com a equipe, então, não há problema.” Infelizmente, eles recusaram. [...] Eles tentaram me levar para a Alemanha, mas a Alemanha recusou o meu visto, porque eu sou um sírio. Eu estava no Brasil, sim. Então, eles tentaram a Noruega, o terceiro país, mas eles recusaram, porque eles pensam dessa maneira. [...] Então, eles terminaram o meu contrato após quatro meses, só porque eu sou sírio. Então para mim foi engraçado e triste ao mesmo tempo. Triste, eu perdi o meu trabalho. Este era um dos meus sonhos, estar na [nome da companhia]. (Omar, sírio em situação de refúgio, professor de inglês, há 3 anos no Brasil, 35 anos de idade, muçulmano; tradução nossa).

O evento relatado por Omar ilustra como ter uma carteira de trabalho não é suficiente para garantir um bom trabalho no Brasil, pois internacionalmente os sírios são vistos com suspeição. Desse modo, a sua inserção laboral no Brasil passa necessariamente por uma maior aceitação e tolerância global. A sua trajetória nos remete diretamente à música de Gonzaguinha “Um homem também chora” (Guerreiro Menino)⁶⁷. Esta música apresenta o trabalho enquanto elemento fundamental para os sonhos de um homem: “Um homem se humilha, se castram seus sonhos. Seu sonho é sua vida e vida é trabalho. E sem o seu trabalho o homem não tem honra. E sem a sua honra se morre, se mata. Não dá pra ser feliz... não dá pra ser feliz...”. Para Bauman, o desemprego causa “a perda da autoestima e

⁶⁶ BOURDIEU, Pierre (1986). “The Forms of Capital”, *Op. cit.*

⁶⁷ GONZAGUINHA (1983). “Um Homem Também Chora (Guerreiro Menino)”, in: *Gonzaguinha (Perfil)*. Manaus, Som Livre: 2004. Tempo total 53’28.

suas prováveis sequelas: rejeição, proscricção e exclusão.”⁶⁸ A mesma ideia é defendida por Ali:

As nações, os homens, indivíduos ou grupos, famílias, um ou qualquer, se você não está confortável na economia, você não consegue fazer mais nada. Assim, por exemplo, você tem sonhos, [...] Se você não tem dinheiro, se você não está estável na vida, você não pode realizar todos esses sonhos. Qualquer [desses sonhos]. (Aziz, sírio em situação de refúgio, professor de línguas, há 3 anos e 4 meses no Brasil, 37 anos de idade, muçulmano; tradução nossa)

Retoma-se à trajetória de Omar (que foi demitido pela companhia de eletroeletrônicos). Após tornar-se desempregado, ele e sua esposa se tornaram empreendedores. Ele começou a trabalhar como professor de inglês e depois abriu uma escola de idiomas em sociedade com outro colega sírio. Já a esposa empreendeu na cozinha árabe, cozinhando principalmente por encomenda para eventos.

No entanto, os recém-chegados enfrentam barreiras econômico-financeiras, culturais e legais para estabelecerem um empreendimento no Brasil⁶⁹. Em geral, leva um tempo para que um imigrante ou refugiado se adapte ao país e consiga reunir os pré-requisitos que um negócio exige. Além disso, quando consegue preenchê-los, isto demandará muito empenho e nem sempre resultará em sucesso.

As barreiras econômico-financeiras dependem de quanto dinheiro disponível essa pessoa tem. Muitos dos entrevistados relatam que o ambiente no Brasil é pouco favorável aos empreendimentos. Aziz (abriu uma fábrica de roupas, mas foi à falência), Beremiz (abriu restaurantes em diversas localidades, mas também foi à falência) e Yazid (possui uma pequena loja de eletrônicos na rua Santa Ifigênia, a qual pretende expandir) destacam a dificuldade de competir com produtos baratos. A estratégia adotada por Aziz foi a de investir em produtos de qualidade, mais caros que os do mercado. No entanto, a crise econômica fez com que não obtivesse sucesso.

As barreiras culturais dizem respeito ao preconceito que aquela pessoa pode sofrer em seu ambiente de trabalho, bem como às diferenças de cultura que podem atrapalhar a adaptação ao mercado de trabalho, como aconteceu no caso relatado por um entrevistado: *“Fui 4 meses [motorista de Uber]. Muitas pessoas gostaram de mim. Algumas pessoas me trataram mal de ser árabe. Motorista com nome diferente. “Tem que tirar o barba”, alguém falou. Alguém falou, “são uns animais, tem que sair do país, do*

⁶⁸ BAUMAN, Zygmunt (2017). *Estranhos à nossa porta*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, p. 61.

⁶⁹ MARTINELLI, Alberto (2014). “O contexto do empreendedorismo.” In: MARTES, Ana Cristina Braga. *Redes e sociologia econômica*. São Carlos: EdUFSCar. 335 p.

Brasil". (Jamal, sírio, palestrante e cantor, há 3 anos e meio no país, 27 anos de idade, muçulmano).

Já as barreiras legais dizem respeito à regulamentação da migração ou situação de refúgio e da capacidade de obter as informações necessárias para poder abrir um negócio regularmente (como a obtenção de um CNPJ, por exemplo)⁷⁰. Beremiz (sírio em situação de refúgio que abriu um restaurante), por exemplo, cobra maior atuação do governo, no sentido de oferecer mais informação e simplificar o processo de abrir uma empresa. Além disso, ele afirma que não compensa ser honesto no Brasil, uma vez que quem paga os impostos e contrata os funcionários corretamente não consegue competir com quem não segue as regras. Isso acabou o levando a desistir dos negócios e a cogitar trabalhar em casa ou como motorista de Uber. O mesmo foi relatado por Yazid em relação aos concorrentes que vendem produtos no Mercado Livre sem nota fiscal.

Segundo Rath⁷¹ e Martinelli⁷², essas experiências desfavoráveis levam os imigrantes (ou refugiados) a se inserirem em mercados onde as barreiras para entrar são relativamente baixas. No entanto, são estes mercados nos quais as chances de sobrevivência de uma empresa são menores. Assim, é preciso investir em inovação, por meio de “novas combinações de produto para atividade e lazer (por exemplo, formas interétnicas de comida e música)”⁷³. Esse é o de Kalil (proprietário de um *food-truck*), que estudou o negócio um ano antes de abri-lo. Segundo Martinelli⁷⁴, algumas formas de se situar no mercado são a observação da concorrência, a adoção de estratégias de *marketing* (oferecendo crédito aos clientes, por exemplo), a cooperação com outros empreendedores, a oferta de “mercadorias étnicas”, entre outros. Kalil, por exemplo, se associou a um espaço onde há outros *food-trucks*, cujos donos são descendentes de árabes. Logo, são muitos os desafios colocados para que se possa estabelecer um negócio no Brasil, o que causou frustrações para alguns dos entrevistados.

Algumas características do mercado étnico são as práticas flexíveis de emprego, a baixa qualificação exigida pelas tarefas, a terceirização, baixos salários e informalidade (ausência de direitos trabalhistas). No caso do auto-emprego étnico, a não assimilação ao mercado de trabalho local pode muitas vezes ser mais rentável do que a assimilação. Além

⁷⁰ MARTINELLI, Alberto (2014). “O contexto do empreendedorismo.”, *Op. cit.*

⁷¹ RATH, Jan (ed.) (2000). *Immigrant Businesses: the economic, political and social environment*. Palgrave Macmillan: UK.

⁷² MARTINELLI, Alberto (2014). “O contexto do empreendedorismo.”, *Op. cit.*

⁷³ MARTINELLI, Alberto (2014). “O contexto do empreendedorismo.”, *Op. cit.*, p. 233.

⁷⁴ MARTINELLI, Alberto (2014). “O contexto do empreendedorismo.”, *Op. cit.*

disso, a conjuntura atual de declínio econômico e desemprego do país favorece a criação do auto-emprego e também da economia étnica, pois ela protege as minorias do desemprego⁷⁵. Portanto, a empresa étnica, ainda que explore seus funcionários, a médio prazo é responsável por sua adaptação e integração à economia local. Assim, a mesma rede que acolhe é aquela que aprisiona⁷⁶.

Conclui-se que um dos maiores anseios dos sírios entrevistados é estabelecer um negócio no Brasil. Quando esse anseio é frustrado, eles passam a ver a permanência no país como algo temporário, embora a condição de refúgio possa ser permanente, como apontam Jamal e Kalil:

"Não dá pra "ah, guerra", pode ser que demore 50 anos, não sei quando vai parar. Então, a gente tem que se virar. (Kalil, sírio em situação de refúgio, proprietário de um food truck, há 4 anos no Brasil, 31 anos de idade, muçulmano).

É um temporário. Mas muitas vezes não é temporário. Muitas vezes nunca você vai conseguir voltar. (Jamal, sírio em situação de refúgio, palestrante e cantor, há 3 anos e meio no país, 27 anos de idade, muçulmano)

Como o tempo de permanência no Brasil é bastante incerto, faz-se necessário criar projetos que durem um tempo mais longo, como é o caso dos empreendimentos mencionados acima. No tópico seguinte analisa-se como essa vontade de abrir o próprio negócio tem forte relação com as narrativas históricas dos imigrantes sírios e libaneses no Brasil.

Identificação com as narrativas históricas dos imigrantes sírios e libaneses

No período de 1908-1941, os sírios formavam o sexto maior grupo de imigrantes em São Paulo, com o número absoluto de 48.326⁷⁷. Em 1936, mais de um terço desse grupo residia na capital. Os sírios e libaneses eram pequenos proprietários agrícolas na terra de origem, mas comercializavam esses produtos, o que já se configurava como uma experiência com a atividade comercial. Quando chegaram ao Brasil, encontram grandes lavouras cujos donos eram latifundiários⁷⁸.

⁷⁵ TRUZZI, Oswaldo M. S. & NETO, Mário S. (2014). Economia e empreendedorismo étnico, *Op. cit.*

⁷⁶ TRUZZI, Oswaldo M. S. & NETO, Mário S. (2014). Economia e empreendedorismo étnico, *Op. cit.*

⁷⁷ TRUZZI, Oswaldo Mário Serra (2009). *Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo*, *Op. cit.*

⁷⁸ GATTAZ, André (2012). *Do Líbano ao Brasil: história oral de imigrantes*. Salvador: Pontocom.

TRUZZI, Oswaldo Mário Serra (2009). *Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo*, *Op. cit.*

VILELA, Elaine Meire (2011). Sírios e libaneses: redes sociais, coesão e posição de status. *Revista brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 26, n. 76, p. 157-176, Jun. 2011. Disponível em:

Alguns sírios e libaneses se arriscaram como colonos, mas logo depois fugiram para as cidades, pois não viam possibilidades de ascensão social a curto prazo nessa atividade⁷⁹. Assim, se tornam mascates, uma atividade que oferece maior flexibilidade. Segundo Vilela⁸⁰, a presença de sírios e libaneses no ramo do comércio é menos uma questão de escolha do que uma falta de opções de trabalho para os pioneiros, que posteriormente possibilitaram a inserção de seus conterrâneos nessa mesma atividade. Essa atividade permitia que eles se orgulhassem de não ter um patrão e possuírem maior autonomia no trabalho⁸¹. Por meio do trabalho de mascate, certamente era possível acumular algum capital (empregando conterrâneos e familiares desde a tenra idade). De mascates se tornaram lojistas, de lojistas se tornaram atacadistas e finalmente de atacadistas se tornaram industriais⁸².

Os sírios e libaneses, aos poucos, foram expandindo seus negócios para o interior do estado e até mesmo para outros estados brasileiros, fazendo com que se tornassem o grupo de ocupação urbana (comerciantes) mais bem distribuído pelo estado paulista, ultrapassando até mesmo os portugueses. De acordo com Truzzi⁸³, a inserção urbana no Brasil dos imigrantes sírios e libaneses foi usada por estes como uma forma de distinção social em relação aos imigrantes de outras nacionalidades, que geralmente se estabelecem em áreas rurais. Na realidade, eles se descobriram urbanos quando chegam ao Brasil. Ou seja, sua construção identitária se forjou ao longo do processo de imigração⁸⁴.

Por serem alguns deles muçulmanos (embora uma minoria), falarem uma língua considerada como “enrolada” pelos brasileiros e por trazerem costumes muito distintos dos nossos, os sírios e libaneses chegaram a ser considerados como inassimiláveis⁸⁵. No entanto, com considerável dificuldade, conseguiram articular uma identidade étnica em torno de seu sucesso profissional como mascates (e posteriormente como lojistas, atacadistas e industriais). Segundo Gattaz⁸⁶, “essa nova identidade, ademais, formava-se naturalmente

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092011000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 Ago. 2017.

⁷⁹ VILELA, Elaine Meire (2011). Sírios e libaneses, *Op. cit.*

⁸⁰ VILELA, Elaine Meire (2011). Sírios e libaneses, *Op. cit.*

⁸¹ TRUZZI, Oswaldo Mário Serra (2009). *Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo*, *Op. cit.*

⁸² GATTAZ, André (2012). *Do Líbano ao Brasil: história oral de imigrantes*. Salvador: Pontocom.

TRUZZI, Oswaldo Mário Serra (2009). *Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo*, *Op. cit.*

⁸³ TRUZZI, Oswaldo Mário Serra (2009). *Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo*, *Op. cit.*

⁸⁴ TRUZZI, Oswaldo Mário Serra (2009). *Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo*, *Op. cit.*

⁸⁵ PINTO, Paulo G. H. da R. (2010). *Árabes no Rio de Janeiro: uma identidade plural*. Rio de Janeiro: Cidade Viva.

⁸⁶ GATTAZ, André (2012). *Do Líbano ao Brasil: história oral de imigrantes*. Salvador: Pontocom, p. 107.

com a adoção da língua portuguesa e assimilação da cultura e dos hábitos locais – uma identidade mais brasileira do que libanesa.”

Foi o que fizeram os sírios e libaneses quando reelaboraram a sua identidade, transformando-a de “fardo de conotações suspeitas e negativas em um conjunto de qualidades positivas.”⁸⁷ Nesse sentido, “qualidades tais como o trabalho duro, a frugalidade e a perseverança num futuro melhor foram insistentemente reafirmadas e exibidas como exemplo de conduta”⁸⁸. Como afirma Gattaz⁸⁹: “O ofício de mascate foi fundamental na definição da imagem que os brasileiros fazem do grupo imigrante libanês e serviu de instrumental para a ascensão social tanto de cada indivíduo como do próprio grupo.” Por fim, outra forma de afirmação identitária e ascensão social dos sírios e libaneses se deu pelos estudos, ou seja, pela aquisição de títulos de bacharéis. A maioria desses bacharéis eram descendentes das primeiras gerações de sírios e libaneses. A aquisição de bacharelado permitiu, inclusive, a ascensão de descendentes de sírios e libaneses à política⁹⁰. Segundo pesquisa da Câmara Árabe (2020)⁹¹, 29% dos árabes e seus descendentes no Brasil possuem nível superior e 45% deles trabalha na área do comércio, um elemento bastante presente nas reivindicações de caráter identitário deste grupo.

É possível notar um processo de “identificação”⁹² dos sírios em situação de refúgio no Brasil com esse discurso da comunidade árabe histórica no Brasil segundo o qual seu sucesso se deu pelo trabalho e pela aquisição de títulos de bacharéis.

Tem exemplos [de sírios em situação de refúgio] que são do sucesso. E tem outros que ainda estão na luta. E tem outros que ainda não deu certo. Eles estão, assim, tentando. Mas em geral, podemos dizer que o refugiado sírio é diferente do outro refugiado. Que ele tem capacidade de se integrar rápido. Ele consegue produzir. Ele consegue ser, assim ele abre o caminho rápido. (Sheik Said, sírio, há 10 anos no Brasil).

Esse depoimento descreve um processo de “identificação”⁹³ dos sírios em situação de

⁸⁷ TRUZZI, Oswaldo Mário Serra (2009). *Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo*, Op. cit., p. 91.

⁸⁸ TRUZZI, Oswaldo Mário Serra (2009). *Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo*, Op. cit., p. 92.

⁸⁹ GATTAZ, André (2012). *Do Líbano ao Brasil*, Op. cit., p. 96.

⁹⁰ TRUZZI, Oswaldo M. S.; KERBAUY, M. T. & BARBOSA, A. S. (2012). Mudanças de fronteiras étnicas e participação política de descendentes de imigrantes em São Paulo. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 27, p. 135-151.

⁹¹ CÂMARA ÁRABE (2020). *A comunidade árabe no Brasil: identidade, influência, contribuição e liderança*. Webinar. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FjzHrzlaRUK&feature=youtu.be>> Acesso em 23 jul. 2020.

⁹² BRUBAKER, Rogers; COOPER, Frederick (2018). Para além da “identidade”, Op. cit.

⁹³ BRUBAKER, Rogers; COOPER, Frederick (2018). Para além da “identidade”, Op. cit.

refúgio com a narrativa histórica de sucesso dos imigrantes sírios, pois ela reivindica uma especificidade do sírio em relação às outras nacionalidades de refugiados, demarcando uma fronteira entre os “grupos étnicos”⁹⁴ mais ou menos aptos a serem bem-sucedidos no Brasil. É um discurso que enaltece a capacidade empreendedora e de não depender da ajuda alheia, reforçando a “identificação de classe” com a comunidade histórica. Isso é ainda mais nítido quando se inclui o capital educacional e as profissões nas reivindicações de caráter identitário. Essas reivindicações encontram respaldo em dados estatísticos. Segundo o IPEA (2017)⁹⁵, 26% dos sírios em situação de refúgio têm nível superior, 2% tem educação técnica profissional concluída, 37% têm ensino médio, 16% apenas nível básico e 4% não estudaram (16% não consta informação sobre escolaridade).

E tem, a maioria, tem uma porcentagem boa de pessoas formadas, que tem estudo avançado, assim. Pós-graduação. Tem médicos, tem engenheiros, tem profissões liberais. E a maioria tem profissão. Raramente chega pessoa aqui que não tem. Ou ele estuda ou tem profissão. Não tem como assim, que fica sem fazer nada. Ou ele vai estudar, ou tem uma profissão. Porque a maioria vem com uma profissão. Tem todas as profissões: mecânico, marceneiros. (Sheik Said, sírio, há 10 anos no Brasil).

Porque, na verdade, o começo da comunidade foi comercial. A gente vai voltar muitos anos atrás. Não é agora, a época do refugiado. Muitos anos atrás, as pessoas libanesas que vieram aqui, vieram para comerciar, tipo trabalhar com vendas, essas coisas. Mais do que coisas acadêmicas, como médicos, engenheiro, essas coisas, que é difícil. (Samir, sírio em situação de refúgio, assistente de marketing, há 4 anos no Brasil, 29 anos de idade, muçulmano)

Na verdade, qualquer pessoa que vem de fora, vamos falar assim mesmo, de Estado árabe lá, os países árabes, quando chega aqui, comerciantes mesmo, né. Nos eletrônicos, perfumes. E qualquer tipo de eletrônicos eles trabalham, né. (Youssef, empregador libanês, dono de loja de eletrônicos na Rua Santa Ifigênia)

Saber trabalhar dinheiro, ele sabe melhor do que nós, está na cultura deles, né. Tá no sangue, no DNA deles, sabem fazer negócios melhor do que ninguém. (Pedro, funcionário do PARR)

Segundo Truzzi⁹⁶, historicamente os sírios e libaneses se arriscavam mais que os portugueses, italianos e até mesmo brasileiros, pois ofereciam produtos mais baratos, além da possibilidade de parcelar e pagar depois. Ainda segundo Truzzi, eles prezam a autonomia que o trabalho de mascates lhes proporcionava, por não precisarem prestar contas a um patrão. Em vista disso, os sírios pertencem às chamadas “etnias comerciais”, ou seja, trazem

⁹⁴ BARTH, Fredrik (1998). “Grupos étnicos e suas fronteiras.”, *Op. cit.*, p. 190.

⁹⁵ IPEA (2017). *Refúgio no Brasil*, *Op. cit.*

⁹⁶ TRUZZI, Oswaldo Mário Serra (2009). *Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo: Editora UNESP.

consigo uma “acentuada destinação urbana” e uma facilidade para se adequar ao comércio⁹⁷. Nos depoimentos acima, percebe-se que a narrativa de que os sírios têm talento para o comércio é reconhecida por brasileiros e até mesmo por membros da comunidade árabe, como Youssef, o que sugere que essa não são apenas os sírios que se identificam como comerciantes hábeis, mas também são identificados dessa forma pela sociedade. Tanto membros da comunidade árabe quanto profissionais de ONGs entrevistados se referiram muito frequentemente aos sírios como “batalhadores” e “bons trabalhadores”. Em outras palavras, existe a percepção de que eles não são acomodados e têm disposição para recomeçar a vida, aceitando qualquer emprego que aparecer.

No entanto, o empenho de um grupo social em fazer reivindicações de caráter identitário não necessariamente produz “identidades” que serão efetivamente constituídas pelo seu público alvo⁹⁸. Por isso se fala em processo de “identificação”, pois é algo que está em curso, mas que não é capaz de por si só constituir uma “identidade étnica”⁹⁹. No exemplo a seguir, Kaled (um sírio em situação de refúgio) conheceu cantores árabes na comunidade sírio-libanesa por terem em comum a profissão de musicistas:

Tem aqui cantor árabe, fala comigo, ele não me conhece e eu também não o conheço. Fala comigo: “Você é música, você é tecladista?”. “Sim.” [Então ele disse:] “Ah, pode vir você [trabalhar comigo]?” “Tá bom.” “Tem festa árabe aqui no [nome de um restaurante], pode vir comigo?”, ele disse pra mim. “Posso”. Eu fui com ele na festa e toquei na festa/show árabe. “Ah, esse músico é bom”. Depois, tem muitos cantores aqui no Brasil que falam comigo: “por favor, quer trabalhar comigo? Por favor.” [aí aceitei]. [...] Tenho muitos amigos músicos também, ou cantores libaneses. (Kaled, sírio em situação de refúgio, músico, há 2 anos no país, 43 anos de idade, ismaele).

É possível ver no depoimento acima um exemplo de “identificação”¹⁰⁰ enquanto categoria prática. Como categoria prática, ela é usada pelos sujeitos para compreenderem a si mesmos, se diferenciarem de outras pessoas, bem como encontrarem características em comum com elas. Segundo Brubaker e Cooper¹⁰¹, essas semelhanças podem ser *linguísticas, de afiliação religiosa, profissionais, de classe, origem nacional etc.* Ela serve tanto para a

⁹⁷ TRUZZI, Oswaldo M. S. & NETO, Mário S. (2014). Economia e empreendedorismo étnico, *Op. cit.*

⁹⁸ GUÉRIOS, Paulo Renato (2007). *Memória, identidade e religião entre imigrantes rutenos e seus descendentes no Paraná*. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 292 f.

⁹⁹ TRUZZI, Oswaldo (2016). *Italianidade no interior paulista*, *Op. cit.*, p. 18-19.

¹⁰⁰ BRUBAKER, Rogers; COOPER, Frederick (2018). Para além da “identidade”, *Op. cit.*

¹⁰¹ BRUBAKER, Rogers; COOPER, Frederick (2018). Para além da “identidade”, *Op. cit.*

vida cotidiana quanto para se fazer política. No caso da trajetória de Kaled, as semelhanças profissionais são mais importantes do que a de origem nacional, pois ele fez amigos libaneses (não apenas sírios) e formou uma banda com refugiados de outras nacionalidades.

As semelhanças de classe entre a comunidade árabe antiga e os sírios recém-chegados também gerou uma identificação bastante forte, pois estes enaltecem bastante a figura do sírio empreendedor/trabalhador e do sírio com boa formação acadêmica, algo bastante presente na “identidade étnica” dos imigrantes sírios e libaneses no Brasil, o que sugere que está em curso um processo de reelaboração dessa narrativa histórica. Os seguintes depoimentos reforçam essa “identificação” dos sírios em situação de refúgio com a narrativa de ascensão social pelo trabalho e pelo talento para o comércio:

Eu entendo que quem quer trabalhar, quem trabalha dia e noite pra chegar, vai chegar. Mas quem vem pra passear e gasta dinheiro, que ele não sabe aonde ele vai. Tem muitas pessoas que fazem sucesso, muitas pessoas que ficam na mão, tem pessoas que já voltaram, viajaram pra outro país. Então, esse negócio depende de pessoas. Mas eu vi muita coisa pra sírios, quando eles saem, a maioria dos sírios que eu conheço, todos saem pra algum país, abrem algum negócio, faz, tenta, entendeu. Eu tive a sorte que a minha tia me ajudou, mas também não vou ficar esperando ajuda. Eu abri, empreendi, estudei, trabalhei. (Kalil, sírio em situação de refúgio, proprietário de um food truck, há 4 anos no Brasil, 31 anos de idade, muçulmano).

Um povo que gosta de crescer, não pra ficar no mesmo lugar, pra ficar limitado. Eles gostam de crescer mesmo. Eles têm visão pra frente também, pra futuro também. Eles pensam muito. (Youssef, empregador libanês, dono de loja de eletrônicos na Rua Santa Ifigênia)

Embora os sírios em situação de refúgio tenham uma forte “identificação”¹⁰² de classe e profissional com os descendentes de imigrantes sírios e libaneses, o mesmo não se dá no que diz respeito à “identificação” de origem nacional. Como se observou anteriormente, os descendentes dos imigrantes sírios e libaneses foram paulatinamente se identificando mais como brasileiros e menos como sírios e libaneses¹⁰³. De acordo com pesquisa realizada pela Câmara Árabe com o IBOPE¹⁰⁴, a maioria dos descendentes de árabes no Brasil se identifica tanto como árabes quanto como brasileiros. Esse processo de “abrasileiramento” foi criticado por Ali:

Onde eu estudei na primeira escola que te falei, um professor de educação física, o nome dele é árabe. Falei, “como que seu sobrenome é árabe?”. Ele

¹⁰² BRUBAKER, Rogers; COOPER, Frederick (2018). Para além da “identidade”, *Op. cit.*

¹⁰³ GATTAZ, André (2012). *Do Líbano ao Brasil: história oral de imigrantes*. Salvador: Pontocom.

¹⁰⁴ CÂMARA ÁRABE (2020). *A comunidade árabe no Brasil*, *Op. cit.*

falou, “meu avô vem da Síria.” Só que, aquelas pessoas que vem faz tempo, eles não ensinam os filhos a falar árabe, eles não ensinam o filho que ele é árabe, não ensinam a ser árabe, não ensinam a ser muçulmano. E ele morreu, casou com brasileira, morreu, e o filho foi, ficou brasileiro, ninguém sabe que ele é árabe agora. Ele fala, meu nome é árabe porque meu avô era árabe, só não sabe mais nada. Eu falei “que cidade?”. Ele falou “Síria, só que não sei qual cidade que é”. Eu achei, eles, uma coisa difícil, que eu não vou fazer, eu vou ensinar pro meu filho o árabe. Eu vou ensinar ele como ser uma boa pessoa. (Ali, sírio em situação de refúgio, encarregado de cozinha, há 3 anos e 4 meses no Brasil, 18 anos de idade, muçulmano).

A sua visão é a de que a identidade árabe e a “identidade étnica”¹⁰⁵ deveriam caminhar juntas, resistindo à formação de uma identidade brasileira. Ali experimenta uma condição de “marginalidade cultural”¹⁰⁶, que ocorre quando há um conflito interno entre duas culturas para um mesmo ator social (geralmente um imigrante). Ele se vê em um dilema entre dois padrões de cultura que percebe como incompatíveis. Ou seja, se vê em uma “ambivalência de atitudes”: “A palavra 'ambivalência', tal como em Willems, serve para explicar a persistência de papéis e valores relacionados à pertinência étnica, concomitante com a assimilação.”¹⁰⁷ Ali deseja se integrar à sociedade brasileira, ao mesmo tempo em que quer preservar sua cultura, ou seja, os papéis e valores relacionados a sua pertinência étnica. Nesse sentido, Ali sugere a reelaboração de uma identidade étnica pelos sírios recém-chegados:

Agora tem muita gente chegando da Síria, que eles são gente que estudou, que tem faculdade. Eu conheço um cara que tem faculdade de química, ele já está ajudando, ele já tá em uma empresa dos Estados Unidos, que o que ele faz lá, ele está trabalhando lá. Eu acho que o Brasil tem que aproveitar esses caras que estão chegando, ajudar eles a aprender mais português e fazer tradução do diploma deles, que é pra eles poderem trabalhar. Tem um cara, que ele é engenheiro que mexe com petróleo, Petrobrás. Tem outro cara que é motorista [piloto] de avião. Tem um cara que tem doutorado de matemática. Esses caras podem fazer muita coisa pelo Brasil. Tem muitos árabes inteligentes. O árabe é inteligente. Então, eles podem fazer muita coisa. E muita gente tá chegando aqui e tá abrindo negócios, restaurantes árabes. E eu acho também, a obrigação do sírio é mostrar quem é sírio, pra ele ser uma pessoa boa, pra eles mostrarem o que é sírio, pra eles mudarem o que pensam da gente, entendeu? (Ali, sírio em situação de refúgio, encarregado de cozinha, há 3 anos e 4 meses no Brasil, 18 anos de idade, muçulmano).

¹⁰⁵ TRUZZI, Oswaldo (2016). *Italianidade no interior paulista*, Op. cit., p. 18-19.

¹⁰⁶ SEYFERTH, Giralda. A imigração no Brasil: Comentários sobre a contribuição das ciências sociais. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais - BIB*, São Paulo, n° 57, 1º sem. 2004, p. 19.

¹⁰⁷ SEYFERTH, Giralda. A imigração no Brasil, Op. cit., p. 19.

Ali se identifica bastante com a comunidade árabe no tocante ao empreendedorismo e à alta qualificação, mas não se identifica com o esquecimento das práticas religiosa e da língua árabe. Percebe-se em seu discurso uma “identificação”¹⁰⁸ com a alta qualificação profissional dos sírios que estão chegando e com a disposição do grupo em abrir negócios.

Conclusão

Como conclusões, ainda que relativas aos aspectos e limites empíricos enfocados, e parciais, portanto, tem-se que o trabalho é o elemento determinante na “identificação”¹⁰⁹ dos sírios em situação de refúgio. Algo que a um só tempo resgata sua autoconfiança, dignidade e desejo de contribuir para o país que os acolheu. A informalidade, o recurso ao “capital social”¹¹⁰, ao “auto-emprego”¹¹¹ e à “economia étnica”¹¹² são alternativas para enfrentar as dificuldades de aprender o português, de revalidar seus diplomas e de lidar com a elevada taxa de desemprego no Brasil. No entanto, em muitos casos os sírios recém-chegados são subalternizados por descendentes de imigrantes sírios e libaneses – que os emprega informalmente em posições precárias. Isso faz com que eles busquem o auto-emprego e aprendam o português como uma forma de ampliar os seus contatos sociais. Ao abrirem o próprio negócio, eles escolhem as áreas da economia mais acessíveis¹¹³, onde operam menos barreiras legais, econômico-financeiras e culturais¹¹⁴. Nesse sentido, dentro da estrutura de oportunidades possibilitada por seu “capital social”¹¹⁵, os sírios investem em empreendimentos onde podem empregar tanto seus “recursos étnicos” quanto seus “recursos de classe”¹¹⁶.

Por conta de o refúgio não ter sido uma escolha, os sírios também não podem retornar à Síria assim que desejarem. Conseqüentemente, vive-se uma situação temporária que pode se estender indefinidamente. Nesse sentido, eles necessitam de projetos de longo prazo no país, o que contrasta com a sua condição de desempregados e trabalhadores informais.

¹⁰⁸ BRUBAKER, Rogers; COOPER, Frederick (2018). Para além da “identidade”, *Op. cit.*

¹⁰⁹ BRUBAKER, Rogers; COOPER, Frederick (2018). Para além da “identidade”, *Op. cit.*

¹¹⁰ BOURDIEU, Pierre (1986). “The Forms of Capital”, *Op. cit.*

¹¹¹ PAMPLONA, João Batista (2001). *Erguendo-se pelos próprios cabelos*, *Op. cit.*

¹¹² LIGHT, Ivan (2005). “The Ethnic Economy”, *Op. cit.*

¹¹³ RATH, Jan (ed.) (2000). *Immigrant Businesses*, *Op. cit.*

¹¹⁴ MARTINELLI, Alberto (2014). “O contexto do empreendedorismo.”, *Op. cit.*

¹¹⁵ BOURDIEU, Pierre (1986). “The Forms of Capital”, *Op. cit.*

¹¹⁶ TRUZZI, Oswaldo M. S. & NETO, Mário S. (2014). Economia e empreendedorismo étnico, *Op. cit.*

Aqueles que não conseguiram se estabelecer financeiramente cogitam retornar à Síria. Nesse sentido, o refúgio sírio no Brasil é uma modalidade migratória que apresenta muitas semelhanças com as “migrações transnacionais”¹¹⁷, pois o país se apresenta em muitos casos como um “país de trânsito” até que se encontre um plano futuro ou decidam retornar à Síria.

Notou-se que os sírios em situação de refúgio se identificam com algumas narrativas presentes entre os primeiros sírios e libaneses no Brasil (a ideia de que o trabalho duro, a alta qualificação e o talento para o comércio poderão levar à ascensão social). Eles mencionam, inclusive, a trajetória de sucesso dos antepassados no Brasil como um motivo de orgulho. No entanto, notou-se que um dos entrevistados se ressentia de os descendentes de árabes no Brasil se identificarem mais como brasileiros do que como árabes – processo este intrínseco à sua estratégia de integração ao país. A “identificação”¹¹⁸ profissional e de classe com a comunidade árabe é mais forte do que a “identificação” de origem nacional. Logo, a reelaboração de sua “identidade étnica”¹¹⁹ tem maior ênfase nos aspectos profissionais e de classe do que na origem nacional. Seria interessante que futuros estudos apontassem se essa estratégia de resistir a uma “identidade brasileira” será bem sucedida ou não.

Por fim, notou-se que essa reconfiguração identitária é comumente vivenciada como uma forma de colocar a frustração do desemprego, da falência do negócio e da precariedade do trabalho informal como situações temporárias, já que seus antepassados mascates também teriam passado por muitas dificuldades antes de se tornarem bacharéis e industriais.

Recebido em 20 de maio de 2020
Aceito em 11 de janeiro de 2021

¹¹⁷ GLICK SCHILLER, Nina; BASCH, Linda & BLANC-SZANTON, Cristina (1992). *Toward a Transnational Perspective on Migration*, *Op. cit.*

¹¹⁸ BRUBAKER, Rogers; COOPER, Frederick (2018). Para além da “identidade”, *Op. cit.*

¹¹⁹ TRUZZI, Oswaldo (2016). *Italianidade no interior paulista*, *Op. cit.*, p. 18-19.